

INSTITUTO CAMÕES BUCARESTE

CRONICANDO EM BUCARESTE

SÓNIA DIAS MENDES (ORG.)

bucareste 2018

DADOS DE CATALOGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: MENDES, S.D. (ORG.) (2018). *CRONICANDO EM BUCARESTE*. BUCARESTE: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE.

TÍTULO: CRONICANDO EM BUCARESTE

ORGANIZAÇÃO: SÓNIA DIAS MENDES

EDIÇÃO: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

DATA: NOVEMBRO 2018

LOCAL: BUCARESTE, ROMÉLIA

CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

STRADA EDGAR QUINET NR. 5-7, COD 010017, SECTOR 1, BUCARESTE

DESIGN GRÁFICO: SÓNIA DIAS MENDES, 2018

FOTOGRAFIA: BECKETT | PURPLE AND WHITE ABSTRACT PAINTING | WWW.PEXELS.COM

EDIÇÃO FINANCIADA POR:

CAMÕES, INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA, I.P.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS PORTUGAL

WWW.INSTITUTO-CAMOES.PT



ÍNDICE

Em vez de prefácio, um convite... ADRIANA CIAMA	3
Sonho de verão ALEXANDRA VELOIU	5
E pronto ANCA PETRACHE	7
E pronto ANDREEA MITREA	8
3, 2, 1... Que todos se casem! BIANCA DOROFTE	9
Saudades de Ireneia CRISTIAN ION	10
Os dias de sol às vezes têm nuvens ELISABETA NICOLAE	11
Saudades de Ireneia FLORENTINA NICULCEA	13
A minha Páscoa GIANINA CIOBOTARU	15
À beira do sucesso HANADI AL-DINEH	16
Opções extra IOANA ULIANOV	17
Elétrico 23 LĂCRĂMIOARA GROZĂVESCU	18
Um mundo de contrastes MĂDĂLINA BOBOC	19
Um amor perdido MĂLINA BELDEAN	21
Reflexão sobre a reflexão MARIA MATEIESCU	22
Uma pergunta MIRUNA ACHIM	24
Os Estados Unidos da América MIRUNA CHIRICĂ	26
O caixote do lixo de esperanças RALUCA CIOCÎRLAN	27

Rapariga de bairro TEODORA BUDURU_____	29
Saudades de Ireneia TEODORA MICU_____	30
Bon appetit TEODORA RÎCU_____	31
Declaração de amor THEODORA IONAȘCU_____	33
Nota da Organizadora SÔNIA DIAS MENDES_____	35

PREFÁCIO

EM VEZ DE PREFÁCIO, UM CONVITE...

Caro leitor,

Tenho o prazer de lhe dirigir um convite para viajar no espaço e no tempo, mas também pelos sonhos sonhados pelos autores dessas crónicas que se revelam nos temas abordados, tão clássicos como atuais (viagem, amor, memória).

Espaço. Universidade de Bucareste, Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras, secção de português. A geração de 2015-2018, formada por vinte e um alunos, teve a oportunidade de escolher no último ano de formação o curso opcional *crónica literária*, ministrado por uma fantástica leitora de português. Trabalho árduo, sem dúvida, mas com paciência e boa disposição, com empenho e habilidade, conseguiu ensinar técnicas de escrita a alunos que apenas tinham dois anos de estudo da língua portuguesa.

Tempo. Já lá vão alguns anos, mas é com carinho que me lembro dos alunos que começaram a estudar português, sem nada saber sobre a língua, e que acabaram, passados dois anos, por escrever crónicas sobre vários temas num português escorreito.

Temas. Caro leitor, ao ler estas crónicas, ficará surpreendido, porque vai descobrir vivências únicas. O tema da viagem, quer no espaço, quer no tempo, cria mundos que nos fazem sorrir, mas também pensar que o lugar de onde partimos, com receio e esperança, será o lugar para onde queremos voltar, cheios de saudade. O tema do amor também percorre essas crónicas, quer se trate de um amor não correspondido e o sofrimento daí decorrente, quer se trate das incertezas geradas por uma paixão forte. Aprendemos assim que as emoções fortes vão serenando à medida que o tempo passa. A memória do passado, outro tema abordado, relaciona-se com os tempos felizes da infância, com a família e os amigos, com a lembrança de um mundo que já não existe. Tal como o deus Janus, uma face olha para um passado feliz, a outra para um futuro cheio de incertezas. Aliás, os binómios certeza / incerteza, sucesso / fracasso, infância / vida adulta, felicidade / infelicidade, aparências / veracidade constituem igualmente outras reflexões.

Mais um aviso, caro leitor. Não estranhe se vai ler crónicas com o mesmo título. Não é engano de ninguém, é apenas uma forma de descobrir como se podem construir mundos diferentes a partir de um só indício. *Saudades de Ireneia*, título tão enigmático, dará origem a várias criações: afinal, quem será *Ireneia*? As crónicas revelam várias: poder ser uma mulher frustrada, à procura da confirmação do amor por parte do parceiro, ou uma mulher que morreu, mas que ainda continua viva na imaginação do marido, ou apenas uma mulher cujo amor já não encontra o outro. O mesmo acontece com *E pronto*, título a partir do qual os autores refletem sobre questões de vida com as quais, a uma dada altura da nossa existência, todos nós nos confrontamos, e também sobre as esperanças de realizar algo e as expectativas frustradas.

No final, faço minhas as palavras de José Tolentino de Mendonça: “Todos somos chamados a construir visões”. E essas crónicas são um testemunho!

ADRIANA CIAMA
Professora Universitária

ALEXANDRA VELOIU

SONHO DE VERÃO

Não sei se tu, meu amigo, esperas pelo verão também com grande impaciência, mas, para mim, o verão é um motivo de alegria, é uma fuga da rotina, da realidade, é uma libertação. O verão é a estação do ano em que me sinto viva de verdade, em que a luz do sol aquece a minha alma. Não sei se tu, meu irmão, te sentes assim também, mas eu amo o verão como se fosse o meu ar, com todo o meu ser. E por que razão não haveria de amar esta estação? Não acho que existam motivos para uma pessoa afirmar que odeia o verão. Se calhar o calor extremo ou o ar irrespirável podem ser considerados bons motivos para não se gostar do verão, para preferir outras estações mais frias, mas eu posso viver com aqueles.

Este é o meu último ano de faculdade (por um lado, estou feliz com o facto de estar a terminar, por outro lado, estou triste), é o ano em que tenho de escrever a minha tese de licenciatura (uma preocupação contínua, se queres saber a minha opinião sobre esta), uma tese que deve ser perfeitamente realizada de forma a refletir os conhecimentos adquiridos durante estes três anos de ensino superior. Esta dor de cabeça é muito importante para obter o meu diploma académico e para valorizar os meus estudos. Não sou contra esta tese de licenciatura, não me entendas mal, mas a vida de estudante é muito complexa e a chegada do verão piora a situação, porque o bom tempo faz com que os estudantes percam as suas habilidades de escrita.

Durante o verão, os estudantes preferem dar um passeio, almoçar ou jantar fora, sair com os amigos, praticar desporto, ficar em casa com a família, ver televisão ou falar sobre vários assuntos ou, simplesmente, não fazer nada – preferem tudo a escrever páginas inteiras de informação como se fossem cientistas ou génios. Prefiro também fazer estas coisas a passar aqueles dias maravilhosos de verão a escrever sem parar, até ficar sem ideias, sem motivação. Às vezes, gosto de escrever na minha tese num parque ou no meu quintal, porque assim posso admirar a natureza durante a minha estação favorita. Encontro a minha inspiração na beleza do verão, no meio do verde e posso pensar claramente.

Espero pelo verão como se fosse o meu salvador, o meu anjo que me faz feliz e que expulsa as minhas preocupações, os meus medos. Espero que tu, quem quer que sejas, estudante, pai ou criança, gostes também do verão e te lembres de olhar para o céu para ver que bonita é esta estação. Olha mais para o céu! Sorri mais! Vai e toma um banho na água clara do lago! Ainda não conseguiste perceber as razões pelas quais espero tanto pelo verão? Espero que sim, mas, se não tiver ainda conseguido mostrar-te porquê, com certeza, a luz quente do sol vai-te fazer pensar: – Que tempo lindo, que verão maravilhoso, que vida bonita!

Se tu, meu leitor, és também estudante significa que entendes as minhas preocupações, se calhar sentes também medo do insucesso, medo do futuro desconhecido combinado com emoção, incerteza e angústia. A vida de estudante é bonita, única na tua vida, uma etapa importante para a formação da tua personalidade e da tua carreira futura, mas é também uma etapa difícil com muitos obstáculos a ultrapassar. Acho que para ti o verão significa também uma pausa depois de uma fase de trabalho árduo, um momento para parar e respirar, o período mais bonito do ano, em que podes viajar e passar o tempo livre como preferires. Espero que este verão seja inesquecível (como foram todos os verões até agora) e que nos lembremos dele por muito tempo, porque as coisas que são obtidas com mais dificuldade trazem mais alegria.

A vida é sonho. Vamos apreciar mais a vida, vamos esquecer as preocupações. Espero pelo verão para me poder sentir mais uma vez livre, para ouvir o canto dos pássaros, o zumbido das abelhas e o riso alegre das crianças. Espero pelo verão ansiosamente para acabar a minha tese de licenciatura que é um obstáculo importante na vida de qualquer estudante e para sentir a liberdade de acabar um outro capítulo da minha vida, a faculdade.

ANCA PETRACHE

E PRONTO

A mãe e o pai amaram-se e pronto: é assim que aparecemos neste mundo (ou não é essa a história que nos contam quando somos jovens?). Aprendemos a dar os primeiros passos, a falar e a usar as primeiras palavras, a entrar nos universos da aprendizagem, no domínio em que algumas questões são esclarecidas e outras surgem. Um caminho contínuo de crescimento no conhecimento, de desenvolvimento da personalidade e da autoconfiança (ou de desenvolvimento da falta de personalidade). Ao mesmo tempo, um período de decepção: as sereias não existem, os dragões voam só através das páginas dos livros de contos, o sorriso é muitas vezes falso, as flores não falam enquanto dormimos, para comer o bife de vaca de que tu tanto gostas, a vaquinha Milka deve morrer, a avó não estará eternamente presente, fazendo-te os bolos que mais ninguém pode preparar da mesma maneira.

No final do liceu, tens de tomar uma das decisões mais importantes da tua vida sem, contudo, saberes muito sobre esta vida tão falada, sem saberes muito sobre ti mesmo, sem saberes muito sobre o que sempre quiseste, o que querias naquele momento e se esses desejos permanecerão inalterados daqui a alguns anos. Tomas a decisão e pronto: entras numa vida cheia de festas, cheia de amigos incríveis, liberdade, amor sem limites (ou não é essa a imagem que todos nós temos sobre a faculdade antes de lá chegarmos?).

Terminamos a faculdade, mesmo antes de sermos adultos, e pronto: queremos levar a vida nos braços, fazer o máximo possível usando o menor tempo possível, esquecer a família, os amigos, esquecer como amar e quem amar e ganhar tanto dinheiro quanto possível, comprar a casa com que começámos a sonhar, seguir os sonhos dos outros através da sua influência involuntária, comprar roupas novas que os outros ao nosso redor admirem, e desejem comprar também, ter o carro de que nos podemos orgulhar à nossa espera no estacionamento depois de oito horas de trabalho.

Cerca de quarenta anos depois, vem o tão esperado momento: a reforma. E pronto: a melancolia volta mais penetrante do que nunca, naqueles anos dourados (ou não imaginamos todos a nossa juventude assim?), poderíamos ter feito mais, poderíamos ter oferecido horas extras àqueles que nos esperavam em casa. O carro caro poderia ter sido mais barato e, com o dinheiro poupado, poderíamos ter ido ver outros mundos e culturas, poderíamos ter ajudado quem tinha poucas possibilidades, sobretudo quando tínhamos a saúde do nosso lado, saúde que deveríamos ter valorizado. Deveríamos ter levado em conta o que sentíamos e não apenas o que a sociedade nos levou a pensar que necessitávamos. Os arrependimentos aparecem e atormentam-nos: e pronto.

ANDREEA MITREA

E PRONTO

Hoje, levantei-me assim: não me apetece fazer nada. Quer dizer, quase nada, porque pensei em escrever um artigo para o meu blogue sobre as novidades tecnológicas que vi na semana passada na ROMEXPO – provavelmente teria sido possível concretizar o meu desejo de não fazer nada se vivesse numa ilha deserta onde não existem seres humanos com deveres a cumprir (talvez lhe pareça egoísta, mas, naquele momento, era o meu único desejo: um momento só para mim).

Antes de começar a minha criação, eram necessárias algumas coisas básicas como um bom café, o meu laptop, inspiração, silêncio. E pronto, posso começar. O telefone tocou. Levantei o aparelho de chamadas e ouvi a voz da minha mãe. Ela estava inquieta, porque já há dois dias que não falávamos e queria saber como eu estava. Esta criatura tão especial transformava-se naquele momento no fator principal da minha irritação. Consegue imaginar a minha cara? Consegui permanecer calma e respondi a todas as questões que ela colocou. Terminada a conversa, dirigi-me para o meu laptop para, então, dar início à minha tarefa quando alguém bateu à porta. Quem seria? Era a minha vizinha do terceiro andar, que precisava desesperadamente de quatro ovos para o seu bolo e, por isso, precisava da minha ajuda (esqueci-me de referir que era feriado e que todas as lojas estavam fechadas).

E pronto, pensei eu, agora nada nem ninguém vai interromper a corrente dos meus pensamentos. Contudo... novamente, o telefone tocou: era a minha irmã, queria mostrar-me o novo vestido que tinha comprado a um preço extremamente acessível. Para que me deixasse em paz rapidamente, disse-lhe que tinha muitas tarefas para realizar: cozinhar, lavar a roupa, passar a ferro, etc. e ficou combinado encontrarmo-nos na semana seguinte.

Ainda era meio-dia e já estava irritada e cansada. Não tinha conseguido escrever uma única palavra até àquele momento. Mal me sentei na cadeira, ouvi um barulho muito forte lá fora. Olhei pela janela e vi que um condutor desatento tinha batido no meu carro! Desci rapidamente as escadas e encontrei ao lado da minha viatura um rapaz que parecia muito desorientado. Pediu desculpas com emoção na voz. Trocámos contactos e ficámos de resolver o problema no dia seguinte. Quando voltei para casa, já não queria escrever nada, só desejava um momento de sossego...

E pronto, o dia tinha chegado ao fim. Levantei-me pela manhã com a ideia de não fazer (quase) nada, mas acabei por fazer muito, contudo nada agradável ou útil. Que dia! Como estratégia, talvez seja melhor planear o dia todo de amanhã – e, feliz, terminá-lo-ei sem ter nada feito. Talvez seja assim que o mundo funcione...

BIANCA DOROFTE

3, 2, 1... QUE TODOS SE CASEM!

Depois de cerca de dois anos em que teria trocado o grande prêmio da lotaria por aquela questão com resposta monossilábica, acabei por me sentir desgostosa com esse pensamento e encerrei este capítulo. E isso não tem nada a ver com o amor, simplesmente envelheci. E quando, finalmente, achei que tinha superado esta situação e que tinha começado a entender a razão de ter fugido do noivado, começaram a surgir (como cogumelos depois da chuva) convites para casamentos e batismos de velhos colegas e amigos, tão jovens quanto eu.

Portanto, vou procurar um emprego o mais rapidamente possível para poupar dinheiro para prendas e vestidos (para os homens é mais fácil: o mesmo fato para o escritório, para o casamento ou para o funeral). Entendi que, para alguns, o casamento é um objetivo – talvez você tenha, como eu, esse tipo de amiga que chorou após várias tentativas de relações de duas semanas e que, quando encontrou um homem que pode ser facilmente manipulado, acabou, dois anos depois, por celebrar o casamento, em simultâneo, já com dois filhos (o que é quase ilógico do ponto de vista anatômico!).

Tal como muitos outros, parti de casa para me estabelecer numa cidade maior, onde a renda tem o mesmo valor que um bom salário na minha pequena cidade, com o digno propósito de estudar e de conseguir obter um bom trabalho. E foi aqui que redescobri a minha fraqueza de infância, o vizinho da minha rua... e apaixonámo-nos um pelo outro e começámos a viver juntos (não para dividir a renda, mas quando o trabalho dá água pela barba oito horas por dia, já não há tempo para passeios românticos no parque).

– Foste viver para a capital para te apaixonares por um rapaz da tua cidade?

Assim, evitámos um problema bastante sério: não é necessário passarmos as férias separados. Fomos celebrar a Páscoa no mesmo lugar, encontrámo-nos com familiares que só vemos duas vezes por ano... E o que me perguntaram? O mesmo: Vocês não se vão casar? Estando já com os azeites, fui tomar um café com a minha mãe, a mãe mais moderna e open-minded. E a proposta dela quase que me fez mudar de ideias: Não querem ter um bebé? Eu tomo conta dele.

Caro leitor, se leu este texto até ao final, talvez signifique que, pelo menos uma vez, lhe aconteceu algo semelhante. Portanto, podemos sentir compaixão um pelo o outro e 3, 2, 1... um grande sorriso!

CRISTIAN ION

SAUDADES DE IRENEIA

Como provavelmente sabes, no domingo foi celebrada a Páscoa. Para mim, este dia especial – que para alguns pode parecer chato –, é sempre uma fonte de inspiração (daquelas que purifica a alma, mas preenche a mente). Mas, este ano, algo estava a faltar. Contudo, não consigo saber o quê. Sinto que não sou a mesma pessoa, que estava sempre alegre. Procuro uma resposta, mas tudo o que passa pela minha mente é a tua imagem. Talvez tu sejas a resposta.

Já é quinta-feira e estou sentado na cama com o meu laptop no colo, tentando procurar inspiração para terminar a minha crónica. Acho que esta máquina de escrever é inútil neste momento. Queria terminar rapidamente, mas não consigo pensar em mais nada, apenas em ti. Onde estás neste momento? Estás bem? Faz apenas um ano que partiste, mas para mim parece uma eternidade. Dou comigo muitas vezes a perguntar-me: Lembrar-se-á de mim ou será que já me esqueceu? Lembro-me de quando dávamos mil passeios pelo parque, parando para interagir com animais e crianças. Sempre gostaste muito destas. Talvez por seres uma delas. Uma daquelas que ama a vida, a natureza, as pessoas, o nascer e o pôr do sol, especialmente à beira-mar, os jogos, mas, acima de tudo, viajar.

Prefiro pensar que farás mil peregrinações de cada vez que leres esta crónica. Isto é o máximo que posso desejar hoje. Amanhã vou para Portugal. Tenho a certeza de que te vou encontrar na praia no Porto. Sei o quanto querias viver no Porto. Tenho de te encontrar lá, na praia, sob um guarda-sol pintado com misturas de cores que te fazem pensar no paraíso. Mas, hoje, não. Hoje sou a testemunha da minha tristeza (uma daquelas testemunhas que prefere ficar quieta).

Tento terminar esta crónica, mas não consigo. Não sei se por causa da falta de inspiração ou por causa deste vazio que sinto. Ou talvez tu sejas a minha inspiração. É verdade? Não sei... Se calhar. O diálogo sobre filmes, arte, dança, livros, pessoas, que partilho comigo mesmo, deve terminar amanhã. Devo recuperar a minha inspiração. Quem me dera! Não posso viver sem inspiração...

ELISABETA NICOLAE

OS DIAS DE SOL ÀS VEZES TÊM NUVENS

Vocês acham que estão em segurança na rua?

Vivemos num país longe de guerras, onde a segurança já não é a arma de terror dos comunistas. Onde temos, em teoria, liberdade de expressão. Vemos e lemos notícias internacionais “Taxa de criminalidade aumenta!”, “Paira a insegurança em...” e pensamos “Que sorte estar aqui, tranquilo e contente no meu pequeno país!”.

Não temos a preocupação do povo brasileiro que sai de manhã de casa com receio de andar na rua, nunca sabendo se regressa ou não em segurança ao seu lar ou se vai ser assaltado pelo caminho. Não pensamos que uma bomba cairá na nossa cidade, nem pensamos num ataque terrorista. Em todo o caso, quem desejaria atacar um país sem grande importância na Europa de Leste?! Não devemos estar gratos pelo facto de não nos questionarmos sobre a nossa segurança? Quantos de nós andam pela rua sem pensar em perigos? E, afinal, qual é o nosso perigo? Se calhar um carro, outras pessoas?

Apesar de sempre ter ouvido histórias sobre a insegurança vivida neste país, sempre encarei as situações de forma positiva com o objetivo de não perder a esperança no bom-senso da sociedade. E este pensamento manteve-se, até um dia. Um dia tal como outros, um daqueles tranquilos, em que vais pela rua a ouvir música com os fones colocados nos ouvidos, disfrutando do sol de maio.

Esta menina apanhou o metro num dia agradável de primavera para se encontrar com duas amigas na manifestação do arco-íris, que dizer, para defender a igualdade e os direitos humanos. Não obstante a humanidade desta menina de 20 anos, que queria defender estes valores, algo desumano acontecer-lhe-ia. Saiu do metro em direção à paragem do elétrico, feliz neste dia de sol, com a sua mochila preta às costas e a sua música linda nos ouvidos. Atrás dela, um homem aparentemente preocupado com a vida, fez o mesmo caminho. Com a atitude positiva de sempre, a menina nunca imaginou que algo mau lhe fosse acontecer. Chegou, então, à paragem, onde ficou à espera do elétrico.

Assim de repente, um rapaz veio: “Olá, tens a mochila aberta.”, “Obrigada!”, e começou a sentir o coração a bater mais depressa de repente. Era isso mesmo: as histórias não eram falsas e, pois, a rua também não era segura, nem sequer às duas da tarde. A carteira foi-se embora. Sozinha, não, talvez o senhor que saiu com ela do metro lhe tenha feito um convite para ir dar um passeio com ele e ela, pois, deixou a minha mochila, quarto escuro onde estava cativa, para ser livre. A minha riqueza? Memórias de viagens, uma fotografia pequena com uma amiga chinesa, passes vazios de viagens de outros países, 20 RON, cartão de crédito, de cidadão, de condução e cartões de estudante e de bibliotecas. Tinha comigo quase a minha vida inteira e não cuidava bem dela.

O meu pensamento? Porque me roubaram a mim? Se calhar os meus pais têm razão quando dizem que o mundo não é tão bom como eu o vejo... Talvez... Mas agora tenho que mudar a minha viagem: vou à Polícia e ligo para o banco para cancelar o meu cartão. O meu dia feliz acabou naquele momento. Os meus documentos se calhar iam aparecer ou talvez fosse momento de começar uma outra vida, com novos documentos e com mais cuidado, com menos positividade e, claramente, com menos confiança nas pessoas que andam na rua tal como eu, uma menina de 20 anos desfrutando do sol de primavera.

FLORENTINA NICULCEA

SAUDADES DE IRENEIA

Naquela quarta-feira, 6 de novembro de 2017, aconteceu uma coisa muito estranha ao meu irmão, Paulinho. Ele trabalhava numa padaria, era padeiro. Todos os dias, uma jovem mulher ia lá e comprava sempre a mesma coisa: um só pão.

– A senhora deve ter uma família pequenina, se um pão é suficiente.

– Sim, na verdade, estou sozinha cá. Toda a minha família vive no Brasil. E eu vim para Portugal para estudar na Universidade do Porto.

Ela era tão linda que o trabalho parecia mais fácil ao Paulinho. Tinha o cabelo loiro e encaracolado e olhos azuis. A voz, contando a sua vida, recordava-o de um som antigo, mas não o conseguia identificar. Ele queria descobrir mais sobre ela, saber tudo o que fosse possível sobre essa nova e velha presença ao mesmo tempo.

– Como se chama?

– O meu nome é Ireneia.

Ireneia era um nome tão bonito... tão bonito que o fazia feliz. De repente, ficava feliz só por a ver e falar com ela. Era como se nada mau existisse neste mundo e como se nunca tivesse sofrido.

– E não é difícil viver sozinha num país tão grande como Portugal?

Sim, um pouco e como eu não tenho amigos, não tenho nada. A única companhia que tenho é o meu cão. Ele ajuda-me a esquecer as dificuldades.

A jovem falava muito facilmente sobre a sua família, mas a saudade via-se nos seus olhos. O Paulinho tinha remorsos. Ao mesmo tempo, questionava-se: Por que razão não lhe fizeste perguntas sobre a vida dela mais cedo? E que tal dizeres-lhe agora que gostas dela e que queres ajudá-la?

Minutos depois, cheguei à padaria. Encontrei o meu irmão caído no chão, chamando continuamente “Ireneia, Ireneia”. Tentei falar com ele, mas não me respondia, só dizia “Ireneia, Ireneia”. Cinco minutos mais tarde, o Paulinho começou a falar comigo.

– Ela estava aqui, eu falei com ela, eu vi-a! Era tão bonita!

– Quem? Quem era, Paulinho?

– A Ireneia estava aqui, falei com ela!

Então percebi tudo. Não era a primeira vez que isto lhe acontecia. A saudade que o Paulinho tem da sua mulher, Ireneia, que está morta, fá-lo ter alucinações. A imaginação é mais forte do que ele e pensa vê-la em todos os lugares, acredita que fala com ela, mas a realidade é bem diferente. Ireneia morreu há dois meses num acidente de viação. Ele tem sofrido muito e, de vez em quando, tem episódios de alucinações. Os médicos disseram-nos que precisamos de conversar com ele gentilmente para o acalmar e para que ele supere

esta situação desagradável. Expliquei-lhe novamente a realidade: “Meu Paulinho, é tudo fruto da tua imaginação, a Ireneia não está mais entre nós, tudo vai ficar bem, acalma-te”.

GIANINA CIOBOTARU

A MINHA PÁSCOA

Para mim, a Páscoa é a comemoração da fé cristã, a crença de que Jesus morreu e ressuscitou ao terceiro dia.

A Páscoa é uma festividade religiosa que celebra a ressurreição de Jesus três dias depois da sua crucificação no Calvário, segundo o relato do Novo Testamento.

O Novo Testamento ensina-nos que a ressurreição de Jesus, celebrada pela Páscoa, é o fundamento da fé cristã. Em países onde o Cristianismo é uma religião estatal ou nos quais há uma grande população cristã, a Páscoa é geralmente um feriado nacional.

Para a maior parte do comércio, são dias de folga (mas não para mim, porque tive de trabalhar no segundo e terceiro dias da Páscoa), exceção aberta apenas aos centros comerciais, que geralmente funcionam metade das horas habituais.

Ovos de Páscoa são ovos especialmente decorados (a minha mãe e eu decorámos ovos da Páscoa e fizemos muitos modelos). O Coelho da Páscoa é um popular e lendário personagem. Nós, os romenos, usamo-lo em várias preparações alimentares. Para mim, a Páscoa, esta festa religiosa, tem uma grande importância. Porquê? Porque a minha mãe veio cá (ela trabalha na Itália e vejo-a duas vezes por ano). Foi uma grande surpresa para mim e para ela também.

O primeiro dia de Páscoa fiquei em casa com a minha mãe e tivemos convidados. Muitos convidados! Já não passava a Páscoa com minha mãe há 7 anos (desde que o meu pai morreu). É muito difícil para mim e para a minha mãe, mas lutamos juntas pelo nosso futuro. Sempre lhe digo: “– Mãe, por ti, faço estes esforços. Quero que sintas orgulho em mim. Sei que trabalhas muito para mim.”

“– Sei, minha filha, e vou fazer tudo o que for necessário para tudo estar bem. Estou orgulhosa de ti”.

No segundo dia de Páscoa, voltei para Bucareste para trabalhar (sou estudante, mas também trabalho). Voltei para Bucareste, tinha-me esquecido de especificar que sou de Galați.

Esta cidade, Galați, é o lugar da minha infância. Passei 19 anos em Galați. É uma cidade linda com muitas atrações turísticas (o Danúbio, o jardim público, o Museu de Ciências Naturais, a torre da televisão, o jardim botânico, o centro comercial). Galați, o lugar onde passei a minha infância com a minha amiga Theodora I., que é também minha colega na faculdade.

Em Galați, passei alguns dias maravilhosos com a minha família e com os meus amigos, mas agora, infelizmente, tive de voltar para Bucareste.

Talvez possa reviver com uma crónica estes dias, contado como foram.

HANADI AL-DINEH

À BEIRA DO SUCESSO

Quanto mais tempo passa, mais pensamos nos obstáculos que frequentemente encontramos no caminho para o sucesso. Mas será essa a razão para a maioria de nós não ter a carreira de sucesso com que sonha desde a infância? Quero partilhar convosco, meus leitores, o que realmente significa perseverança – em oposição à insegurança. Certamente, muitos de vocês sabem muito bem que a confiança em nós próprios nos ajuda a evoluir, especialmente a nível profissional. Há também pessoas com altas aspirações na vida, mas que, devido ao facto de lhes fecharem a porta na cara, não excedem os seus limites e não confiam nas suas próprias forças (um facto erróneo).

O meu objetivo é provar que qualquer decisão tomada trará sempre um certo grau de incerteza quanto aos resultados. Por exemplo, quando você, leitor, diz que irá fazer tudo o que é possível para cumprir o seu sonho, de facto adia constantemente a tomada das decisões determinantes na realização dos seus objetivos (porque não tem certeza se as respetivas escolhas estão corretas). Este é o maior erro que pode cometer porque, sem tomarmos decisões, cancelamos qualquer oportunidade de progredir – não nos devemos esquecer que o sucesso representa o caminho para a autodescoberta.

Acho muito bem que hoje em dia seja preciso arriscar para se alcançar as alturas do sucesso. Com a permissão do leitor, vou fazer uma análise detalhada do mistério do subconsciente humano para compreendermos as razões que estão por trás das suas escolhas na vida. É indispensável mencionar que todos gostamos de sonhar, mas será isso um inconveniente no cumprimento dos nossos desejos? O ato de sonhar (uma grande ousadia) traz consigo várias desvantagens, sendo o principal fator que nos desmoraliza no caso de um possível fracasso.

Chegamos, então, a um assunto controverso. Como me encontro a falar sobre o sucesso e sobre como chegar às alturas deste, você provavelmente está à espera que eu apresente apenas vitórias. Mas hoje não, porque o fator mais temido é o fracasso. Quantas vezes não falhou? O simples receio de perder é suficiente para algumas pessoas mudarem a sua postura. Pense no fracasso como se fosse um passo para o sucesso! Deve ter em mente que apenas através das falhas é possível alcançar as maiores realizações da vida.

Para que tenha justificação o meu título de hoje, devo afirmar que o sucesso é relativo, porque cada um de nós tem uma conceção que o diferencia do resto. Independentemente da sua visão sobre o sucesso, não pare de trabalhar para o obter.

IOANA ULIANOV

OPÇÕES EXTRA

Estava à espera daquele feriado há tanto tempo! Adoro viajar e, por isso, animada, acordo de manhã, visto-me, preparo a minha mala e saio para não me atrasar.

Vou para a estação de comboios, compro um bilhete, embarco e sento-me nos cadeirões lotados do comboio. Sei que a viagem levará algumas horas (quase 4 horas), então procuro algo para fazer.

Cheguei ao aeroporto uma hora e meia antes da descolagem, como havia planeado (porquê tão cedo? – para não perder o avião, obviamente). Desesperadamente procuro o meu bilhete de avião e passaporte para fazer o check-in. Nada. Não consigo encontrá-los em lado nenhum. Entro em pânico. Sento-me num banco na sala de espera do aeroporto e procuro-os na mala como uma tola! Finalmente, encontro-os. Pego neles, faço o check-in, dirijo-me para o controlo de bagagem, onde o segurança que se encontrava a analisar as malas, após ver a minha, olha seriamente para mim, chamando-me. Assustada, com receio de ter sido encontrada uma bomba na minha bagagem de mão, aproximei-me dele. (Por que razão está ele tão sério?). Tinha um desodorizante esquecido na minha bolsinha de viagem. Aliviada, digo-lhe que o pode guardar e dirijo-me para o portão de embarque, que, claro, não consigo encontrar. Corro como uma louca pelos corredores do enorme labirinto para não me atrasar para o embarque e, finalmente, ouço uma voz no altifalante: – O voo para Amsterdão vai ser adiado cerca de duas horas e meia devido a uma falha técnica na aeronave. Sinto uma raiva tremenda, corri para nada, apenas para ficar mais três horas no aeroporto... Sento-me numa cadeira e tento encontrar algo para fazer, para o tempo passar mais rapidamente. (De que é que estava à espera? O atraso não está incluído no bilhete, claro, é uma opção extra de que muitos de nós "beneficiam" sem querer).

Ando de uma cadeira para outra, vejo um filme, verifico o meu telemóvel, penso no meu pequeno feriado que deveria já ter começado e na minha amiga que esperará por mim aproximadamente cinco horas no aeroporto, sozinha. Três horas e meia mais tarde, alguém anuncia nos altifalantes que, finalmente, o avião está pronto para partir. Estava no auge da felicidade! Nós aglomerámo-nos como loucos nas grandes portas e corremos o mais rápido que pudemos para o avião. A tripulação desculpou-se, mas em vão. Ninguém estava interessado em desculpas, todos nós queríamos chegar ao destino o mais rapidamente possível.

Após mais de duas horas e quinze minutos, chego ao destino e desço do avião, verifico o meu passaporte, pego na minha bagagem e, em seguida, vejo a Amalia, que, embora muito aborrecida depois de uma eternidade à espera, se dirige a mim com um grande e contagioso sorriso.

LĂCRĂMIOARA GROZĂVESCU

ELÉTRICO 23

Esta história não é sobre mim. Parecia um dia comum, a mesma paragem de elétrico, a mesma velha árvore com flores de cerejeira, dançando com o vento morno da primavera. O mesmo eu. A mesma rua com prédios altos e envelhecidos. Vi-a de longe enquanto ela corria, com uma carteira grande e pesada. Parecia ter todas as suas preocupações naquela bolsa.

Aproximou-se. Um olhar triste, quase frio, mas era possível ler nos seus olhos gentileza e bondade. Vestia roupas surradas e destruídas pelo passar do tempo. E, então, dirigiu-se a mim: 'Bom dia!'. Um pouco cética, dei um passo atrás. Estando habituada a viajar quase diariamente no mesmo elétrico, nunca achei que esta conversa fosse durar muito e assumi que me iria pedir dinheiro para comprar álcool, cigarros ou sei lá eu o quê.

Mas não foi assim. Decidi dar-lhe uma oportunidade e, então, pude conhecer a história dela. Também ela apanhava diariamente o mesmo elétrico. A mesma rota e sempre o mesmo destino. Hospital de St. Stephen. Foi assim que descobri que ela fazia este percurso para visitar o seu marido. Estava doente com Alzheimer há já sete anos. Triste, certo? Lembrava-se dela, algo muito raro. Estavam casados há quarenta anos. Ele, arqueólogo e ela, professora de inglês.

Contou-me sobre os lindos anos que passaram juntos. E como ela não desistia. Cada momento trazido de volta à vida, ainda que curto, era uma fonte de felicidade que flutuava acima do seu rosto. Não podia imaginar um dia sem a visita habitual ao hospital. E nunca falhou. Falamos sobre literatura norte-americana, nomeadamente dos EUA, e tantas outras coisas! Edgar Allan Poe, Henry James, Walt Whitman, Fitzgerald, Hemingway, Ezra Pound. Uma maravilha!

Lentamente aproximamo-nos da Estrada da Esperança. Árvores brancas estendiam-se pela rua. E aqui estava o destino dela. Agradeceu-me pela conversa que trouxera de volta à vida as lembranças guardadas na sua memória. Apertei as suas mãos com gentileza e desejei-lhe um bom dia. Virou o olhar novamente para mim e sorriu, um sorriso triste e feliz ao mesmo tempo.

Continuei o meu caminho, pensando nas generalizações que acabei por criar com o tempo. O que aconteceria se eu não parasse para falar com ela? Teria recebido esta lição de vida? Definitivamente, não. Então não seja ignorante! Dê a todos uma oportunidade! Deixe primeiro que eles expressem o que desejam dizer. Não julgue pelas aparências!

O elétrico parou. Desci e dirigi-me para o trabalho, mas com o pensamento longe.

MĂDĂLINA BOBOC

UM MUNDO DE CONTRASTES

Fim de semana. Famílias, amigos, casais reúnem-se e vão aos centros comerciais (tal como eu e o meu namorado fazemos). Lugares de estacionamento cheios de carros caríssimos, sacos de compras com roupa cara por todo o lado, marcas de luxo, pessoas sorridentes e contentes a comprarem adornos caríssimos, joias brilhantes, montras pomposas, filas intermináveis nas lojas – todos dispomos dos meios necessários para termos tudo o que desejamos, pois somos habitantes da capital, não é? Deparamo-nos com esta rotina sisífica todos os dias.

Descemos a escada rolante. Dou uma olhada ao meu redor. Nada de novo, nada de diferente. À minha frente, duas raparigas altas, de ar grandioso nos gestos e movimentos, falam sobre as suas novas aquisições: as suas carteiras Prada. O meu namorado não parece ver, nem ouvir, mas eu penso: Que vida boa! Esta é a realidade que se vê aqui, neste lugar cheio de gente feliz que esbanja dinheiro para ter acesso a uma vida de ostentação, mas qual será a realidade fora deste espaço?

Saímos do centro comercial e vamos em direção ao metro. A realidade parece já mudar um pouco – tal como o nosso sorriso. Perto do metro, está uma velha de olhos tristes a vender uma mochila pequenina, provavelmente pertencente ao seu neto, e um brinquedo de peluche. Ela levanta os olhos a cada passo que ouve, na esperança de alguém a ver (não sei se as raparigas da carteira Prada passaram por ali, mas imagino que se tivessem passado, não a teriam visto). Lembro-me da minha infância. *Os meus lobos, ursos e outros bonecos pareciam sorrir de cada vez que brincava com eles. Será que aquele lobo de peluche que a velha segurava na mão sabia sorrir?*

Não ficámos indiferentes ao triste caso daquela mulher, mas não tivemos força para levar o brinquedo connosco. Imaginei que seria um roubo. Um roubo da alegria infantil marcada por aquele objeto. O que vimos alguns minutos antes no centro comercial (e tudo o que se pode ver em tais espaços em geral) não era realidade, era um disfarce. Um mundo limitado ao qual nem todos têm oportunidade de aceder. Ao sairmos pela rua fora, as máscaras caem e cessam as aparências. Consegue imaginar as construções antigas que precisam de reabilitação em comparação com as construções novas, soberbas? É a mesma coisa. Afinal, vivemos num mundo de contrastes.

E você, leitor, está tão acostumado à sua vida (quase) perfeita que não reparou nestes contrastes? Quantas vezes não imaginou uma vida melhor do que a que provavelmente já tem, sem prestar atenção à realidade penosa que o circunda? Quantas vezes não desejou comprar uma carteira Prada ou um carro a preço elevadíssimo? Já cedeu

a muitas tentações, todos fazemos isto... Mas podia ser menos apegado às suas coisas materiais e ser mais feliz com a sua vida?

MĂLINA BELDEAN

UM AMOR PERDIDO

Todo o mundo crê que amar é muito simples, mas não é bem assim. Se o teu mundo só fizesse sentido com uma pessoa, como reagirias a um fracasso emocional? Quando isto acontece, não te consegues concentrar, não tens em conta a tua rotina, e o teu estado psicológico torna-se cada vez mais abalado.

Todos os dias, a primeira coisa que fazia depois de me levantar de manhã era mandar uma mensagem ao meu namorado e só depois avançava para as coisas normais que tinha que fazer. Tomar o pequeno-almoço, tomar um duche, preparar-me para ir para o emprego. Os meus pensamentos, as minhas ideias, os meus planos, tudo o incluía. Era a única pessoa que me importava. Mas isto durou até ao dia em que tudo acabou, de repente e sem nenhuma explicação. Ele não quis continuar mais com a relação e pediu um tempo para estar só. Então entendi que a felicidade depende só de ti mesmo e que não tens de esperar nada de ninguém. Não vale a pena lutar por uma pessoa que não te aprecia. Acho muito bem que se tire um tempo para construir algo para si mesmo. Não achas? Tem fé! Não desmoralizes! Tudo vai ficar bem.

Nos dias de hoje, o mundo não é como antes. Agora tudo depende de um telefone, que é uma máquina que te complica a vida mais e mais. Mas, o que podes fazer? Agora é muito simples encontrar uma outra pessoa na Internet para falar, mas ninguém fala sobre os seus sentimentos, não vês dois pombinhos que saem para jantar fora, só duas pessoas que estão mais preocupadas em fotografar a comida e a colocá-la no Instagram. Os jovens não têm juízo nenhum, rapazes e raparigas comportam-se muito mal (e isto não é uma coisa boa).

Acho que nesta vida todos temos algo que nos pertence e o que é nosso nalgum momento chegará. Tudo o que acontece é uma lição, independentemente de ser bom ou mau. Pode, por exemplo, ser algo que te ajuda a apreciar mais as pessoas boas que estão na tua vida em qualquer situação.

Podia ser uma coisa boa para ti, mudar de objetivos, de sonhos e de aspirações. É tempo de mudar a tua vida (não é?), e assim todas as coisas virão de ti mesmo e tomarão o curso correto. Uma decepção no amor faz uma pessoa mais poderosa e mais atenta ao futuro, o que nem sempre é uma coisa má, acredito que aconteça para mudar alguém.

MARIA MATEIESCU

REFLEXÃO SOBRE A REFLEXÃO

«Que comece do início?... Sinceramente, não sei quando começou. Talvez tenha sido naquele dia em que me deixaram sozinha com os dois: uma de quase dois anos e outro de quatro.

Ela olhava pela janela e chorava. Ele estava entretido com os brinquedos. Que experiência traumática, meu Deus! Após um quarto de hora, consegui finalmente acalmá-la. Cantei calmamente todas as canções que me passavam pela mente.

“Já passou, já passou. A mãe vai voltar, não te assustes, meu tesouro. Daniel, querido, vem para brincarmos todos juntos, sim?”

“Eu queria um irmão pequenino, não uma irmã mais velha!”

“E eu o que é que sou? Não sou tua irmã? Não interessa que seja mais velha. Podemos brincar todos juntos, não é?”

Foi então que percebi a má influência do nosso pai, que dizia sempre que os homens são reis e as mulheres escravas deles. Foi então que me apercebi de que a minha pobre mãe, doente e débil, foi outro mau exemplo. Diz-se que as crianças são como vasos de flores, à espera de serem pintados. Pintados com gestos, com palavras de todas as pessoas à volta delas, especialmente da família. O meu pai andava sempre chateado, a minha mãe não sabia como ou não se queria defender. E, como um espelho, o meu irmão não gostava das mulheres (não sei porquê, mas eu era a única exceção) e a minha irmã era muito sensível e chorava quase todo o tempo.

Aquele foi um momento de terror. Deixaram-me sozinha com os dois... Tinha apenas dezoito anos. A minha vida já não era minha. Dediquei-me a criar os meus irmãos o melhor que me foi possível. Consegui trabalho. Ajudaram-me também os nossos avós maternos. Deixei tudo: o meu sonho de ir para a universidade, o meu sonho de conseguir um namorado, o meu sonho de me tornar uma cantora famosa... Agora, passados sete anos, ainda não tenho suficiente dinheiro para frequentar o Conservatório de Música, mas canto num bar de jazz. Os meus olhos brilham quando canto, contudo, quando penso em filhos, sinto muito medo, um terror toma conta de mim. A minha avó dizia que as crianças são como espelhos da própria família. É uma responsabilidade tão grande... cada erro pode ter graves consequências. Tenho medo, muito medo...»

E já não me foi possível falar com ela naquela sessão. Chorava lentamente e, pela primeira vez, olhando para os olhos verdes dela, senti a minha alma a quebrar. Ela não sabe que desde que entrou no meu consultório e abriu a sua alma, deixei todo o meu profissionalismo de psicólogo de lado; ela não sabe que se parece muito com a minha

esposa, que morreu há muitos anos; ela não sabe que em vez de a curar, foi ela quem me curou a mim com o seu sorriso e a sua alma cheia de amor.

MIRUNA ACHIM

UMA PERGUNTA

A mentalidade humana é muito divertida, não é?

Não é cómico durante toda a nossa vida não descobrirmos nada, só suspeitarmos? Não é cómico as nossas convicções mudarem constantemente?

Acho que a vida é cheia de perguntas e o nosso objetivo é descobrir as respostas. Parece simples, mas eu sempre tenho uma única questão à qual não consigo responder: “O que queres fazer no futuro?”

Esta pergunta, se pensarmos melhor, atravessa toda a nossa existência, mas a resposta vai-se modificando e isso – creio – é prova da nossa maturidade.

Quando somos pequenos respondemos rápida e claramente: professor, médico, polícia, ator, presidente... São também dadas respostas fantásticas como: rei, feiticeiro, dragão (para ser honesta, queria ser uma médica imperatriz). A resposta é sempre honesta e rápida, a criança não reflete sobre o significado das suas palavras, responde de forma rápida – claramente, a sua inocência mostra que para ela o futuro talvez seja um período misterioso, mas mais fácil e seguro do que o presente. Hoje, um menino de 7 anos disse-me que se quer tornar super-homem, porque este super-herói fazia um trabalho melhor do que o presidente. Estranho, não é? Mas a criança sabia exatamente o que queria fazer no futuro – naquele momento admito que fiquei com inveja da sua visão clara sobre o futuro e da sua inocência.

Mais tarde na vida a resposta a esta questão começa a ficar na névoa; já adolescentes, estas crianças começam a refletir sobre a realidade da vida, sobre as suas capacidades e, mais importante ainda, sobre o impacto que têm na vida cotidiana. A inocência desaparece e é substituída pelas dificuldades da vida. As respostas são mais lentas e, tristemente, mais inexatas e cheias de dúvidas. Os planos futuros são mais curtos e, às vezes, cheios de incertezas.

Não acho que os adultos tenham muito mais certezas, mas são mais seguros e têm mais confiança neles próprios. Eles já têm um plano, já descobriram o seu caminho na vida e só precisam de o percorrer. Mas, será verdade? A minha mãe, por exemplo, quando lhe perguntei qual era o seu plano para o futuro, respondeu: “Não sei, vou viver e logo te direi.”. A resposta é triste, porque eles, os adultos, nem tentam encontrá-la.

E eu? Onde estou nesta situação? Acho que nenhuma destas categorias é minha. Estou entre todas. Sou como uma menina, olhando com esperança para o futuro, como um adolescente, indeciso e assustado, e também como um adulto porque, neste momento, o medo faz-me não ter a coragem de procurar a resposta.

Não sei porque escrevi isso. Talvez o encontro com o menino me tenha feito pensar. Ou a resposta da minha mãe. Talvez escrevendo eu consiga encontrar a resposta.

Para mim, apenas uma coisa é clara. Só eu posso descobrir a resposta. Mesmo que o caminho seja difícil, mesmo que mude o meu plano dez vezes, como todas as questões, ela deve ser respondida.

MIRUNA CHIRICĂ

OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Quando se escolhe um destino específico para viajar, nunca se sabe realmente o que se vai encontrar e o que pode acontecer. Correrá tudo bem? Surgirá algum problema? Quando viajamos, geralmente queremos divertir-nos ou ter uma experiência inesquecível. Uma viagem requer diversão. Envolve mistério e novas pessoas. Mas eu já sabia o que me esperava na América.

Eu queria algo novo. Queria uma experiência única e memorável. Novos amigos, novos lugares, novos destinos, e, naturalmente, novos sentimentos. Mas como é que eu reagiria quando encontrasse esse “novo” ao meu redor? Isso seria realmente o verdadeiro desafio.

O avião partia às nove horas. Voo longo, intercontinental. Cadeiras espaçosas e confortáveis.

O meu verão começou de repente (pelo menos foi isso que eu senti). Gostei do meu trabalho logo nos primeiros dias. As pessoas eram amigáveis. E o meu gerente igualmente amável. Divertia-me muito. Viajava muito. Tudo era perfeito! (Naquele momento, pelo menos).

Mas à medida que os meses começaram a passar, uma sensação estranha também começou a aparecer.

Então percebi que, aos poucos, o sentimento de saudade estava presente em mim. Não sentia falta de algo, nem queria voltar para casa. Mas, ainda assim, sentia saudades (não sei porquê). Este foi o meu único problema. Conseguiria resistir, sabia isso. Podia até fingir que não sentia nada.

Com o tempo, entendi que todos nós sentimos isso mais cedo ou mais tarde. Queremos viajar, fazemo-lo e, finalmente, voltamos para o ‘nosso lugar’, cheios de desejo e de saudade. Mas voltamos todos para casa? Esta é uma pergunta que me mata. Não sei porquê. Talvez porque saiba que isso é verdade, talvez porque saiba que não somos nada, somos seres que voltam sempre ao lugar de origem... E isso é triste (para mim). É triste saber que não importa o quão longe queira viajar, voltarei para casa mais feliz que nunca...

Destruirá esse aspeto a nossa vida? Não sei... Tudo o que sei é que precisamos arriscar para conhecer a felicidade. Como eu fiz. Fui para a América e conheci-a. Mas estou em casa agora... E isso é tudo que importa.

RALUCA CIOCÎRLAN

O CAIXOTE DO LIXO DE ESPERANÇAS

Era domingo e eu estava no parque. Estava um calor de verão e todos andavam de manga curta. Pela primeira vez em muitos anos, decidi andar de patins. Geralmente ando de bicicleta, mas desta vez senti a necessidade de mudar as coisas. Quando ando de patins, sinto-me como uma criança. Pode ser porque associo os patins à minha infância, quando ia para a rua com os meus amigos e patinávamos todos juntos. Ainda tenho uma cicatriz no joelho esquerdo, recordação de um momento em que caímos todos por andarmos de patins numa linha, agarrados uns aos outros.

Mas desta vez andava sozinha. Embora fosse o primeiro dia das férias da Páscoa, no parque estavam pais com crianças, avós com netos, mas não muitos jovens. Onde estavam? O que poderiam estar a fazer num dia tão bonito de férias? Durante alguns momentos, senti uma tristeza relativamente à minha geração. Não creio que todos estejam em casa agarrados aos computadores! Não pode ser!

Tentei separar-me destes pensamentos enquanto saía do parque. Não pude não reparar numa presença singular, que se mexia num ritmo diferente do resto do parque. Um homem idoso tentava subir dois degraus num lanço de escadas com a sua bengala. O cajado fazia muito barulho, era de metal. Pensei em ajudá-lo, mas depois de o observar mais atentamente, vi que tinha a roupa e as mãos sujas (para alguns, isso pode não ser uma boa razão para não ajudar um desamparado, mas para uma hipocondríaca é!). Enfim, algo me fez continuar a olhar para aquele velho – sempre gostei de analisar pessoas desconhecidas na rua. Depois de subir o primeiro degrau, murmurou algo para si. Subiu o segundo degrau e continuou a sua subida de um modo mais fácil do que aquele com que subiu as escadas. À sua frente estava um cachorro ruivo que olhava para trás de vez em quando e parava para esperar pelo seu dono. O animal sabia o caminho e parecia guiar o homem. Numa interseção de caminhos, o velho parou e procurou com o olhar o cão, como se só o animal soubesse o trajeto. Seria possível que eles fizessem este percurso todos os dias?

Estava essencialmente impressionada com a relação do coitado e do cão, não obstante ser uma grande amante de animais. As coisas pareciam simples, mas não eram. O pequeno velhote parou ao lado dum caixote do lixo e começou a remexer no seu interior. Tirou primeiramente um copo de gelado e uma pequena colher com que comeu o resto do gelado que aí se encontrava e depois colocou a colher no bolso da camisa. Depois fez um movimento com a mão para si mesmo, como se não estivesse satisfeito. Nojento, pensei. Ele continuou a sua busca e retirou do lixo um guardanapo amarrotado com que assoou o nariz. Não podia acreditar no que os meus olhos viam. O guardanapo tinha claramente sido usado. Era estranho. As roupas do homem eram modernas, era mais do

que óbvio que alguém lhas tinha oferecido. Portanto, alguém deveria cuidar do pequeno desgraçado. Terminou com o caixote do lixo, continuou o seu percurso e parou no segundo caixote, repetindo o que fez primeiramente, murmurando e fazendo movimentos com a sua mão. Naquele momento senti uma grande pena. Era claro que o velho tinha problemas mentais.

No segundo dia, fui ao mesmo parque e encontrei-o de novo. Fazia a mesma coisa: remexia os caixotes do lixo e encontrava copos de gelado, colheres e guardanapos. Agora estava sozinho, sem o cão, e tinha um roupão de banho sujo e um carrinho de compras velho e certamente vazio. Era óbvio que ele fazia este percurso todos os dias. Quantas colheres teria ele já recolhido?

Muitas pessoas idosas juntam lixo nas suas casas, porque já não estão ligadas à realidade e se tornam incapazes de tomar decisões. Isso era algo que eu já sabia e, por isso, este episódio não me surpreendeu completamente. Mas pensei nos micróbios e nos germes daqueles guardanapos e nas doenças a que aquele velho se expunha e achei-o extremamente miserável. Que vida cheia de riscos a deste homem. Uma vida condenada, atrevo-me a dizer. O solitário poderia ter filhos que vivem muito longe dele e não sabem dos seus costumes horríveis. Ou se calhar eles não têm possibilidade de cuidar do velho. Ou ainda pode ser que esteja completamente sozinho neste mundo e que o único companheiro seja o cão pequeno e ruivo que o guia todos os dias para casa.

TEODORA BUDURU

RAPARIGA DE BAIRRO

Ela é a Crina. Rapariga de bairro. Olhos castanhos, nariz castanho, tom claro. É lindíssima. Chamo-a e ela vem curiosa. A cauda abana em sinal de alegria. Os olhos observam-me deslumbrados. Quero tocar-lhe, mas ela é teimosa. Olha-me pelo canto dos olhos, continuando o seu caminho.

“Espera um pouco, linda! Porque é que tu estás sozinha na rua?”

O olhar triste faz-me entender que nasceu na rua, que aí é a sua casa. Tiro a sanduíche que tenho na minha mala e dou-lha. Ela aceita-a rapidamente e a cauda começa de novo a abanar. Agora já lhe posso tocar, já a posso acariciar.

“Tenho que me sentar um pouco, estou cansada. E comi algo, que coisa boa. Que será que quer esta menina de mim? As festinhas delas são agradáveis e, mais importante ainda, deu-me comida!”

Como podem abandonar estas almas tão boas? É a única pergunta que me passa pela cabeça neste momento. Eu digo-vos, isto não é justiça. Não, não, senhores!

A cabeça e as orelhas são tão macias. Os olhos mágicos imploram carinho. Os carros passam a correr na estrada poeirenta e os meus pensamentos procuram uma solução. É demasiado boa, inteligente e bonita para se dissolver numa nuvem de pó. Abro a porta do meu carro e ela começa a correr para entrar comigo. Sento-me ao volante do carro e partimos. Ela olha pela janela – acho que está surpreendida com o facto de as árvores caminharem também ao nosso lado. Chegámos ao destino e prometo-lhe que vai ser a minha princesinha, a princesa do meu conto. Chamei-a Crina, sobre a flor da pureza, o lírio.

Hoje, ela está feliz e agradecida. Transmite felicidade até na ponta da cauda. Ela permanece boa e linda como na primeira vez que a vi, com um olhar confiante. A rapariga de bairro tornou-se uma princesa do sofá e preenche o meu coração com alegria todos os dias. Caminha com a coleira como uma senhorita e já aprendeu que não são as árvores que mudam de localização. Vejo-a às vezes olhando intensamente através do gradeamento, depois à procura da porta de casa, a opção é evidente. Está feliz e em segurança e nada nem ninguém poderão mudar isso. O passado está lá fora, na rua, mas o lugar dela é agora entre os Homens. Isto é um grito por ajuda. Não os abandonem. Amem os cães como a si mesmos.

TEODORA MICU

SAUDADES DE IRENEIA

Esta história aconteceu há uns meses quando comecei o meu novo trabalho. Eu era jovem e precisava de dinheiro. Servir bebidas não era o emprego dos meus sonhos, mas eu queria ter o meu dinheiro. Ireneia, conheci-a aí, uma rapariga muito bonita que vinha quase todos os dias tomar um café a caminho do trabalho. Na minha mente, surgiam sempre estas palavras: “Que bonita que é!”. Tentava concentrar-me nas minhas tarefas laborais, contudo, os meus olhos fugiam para outro lugar. Eu só queria olhar para ela – na verdade, senti amor à primeira vista. Será que ela sentia o mesmo? Eu não podia falar com ela, exceto “O que deseja?” e ela respondia “O do costume.” e sorria-me de forma deslumbrante.

Durante um tempo, tudo permaneceu inalterado até que, um dia, me atrevi a dizer-lhe que tinha dois bilhetes para o teatro e que gostaria que ela me fizesse companhia – a partir daí, vivi um dos períodos mais belos da minha vida.

Não sei o que ela fez comigo... Senti-me tão atraído por esta princesa loura que decidi dar o passo seguinte. Queria pedir-lhe que se casasse comigo. Por isso, pensei fazer algo especial, uma viagem, alguma coisa diferente. Porém, o meu salário de empregado de bar não me permitia essa possibilidade e tinha vergonha de pedir dinheiro aos meus pais.

Considereei irmos a Paris, de férias, e nessa ocasião dar-lhe-ia o anel de noivado. Paris, anel, hmmm... tudo me fazia pensar numa grande quantia de dinheiro que eu não tinha. A única solução era o empréstimo bancário (um grande erro). Teria de pagar depois ao banco o valor emprestado com juros, mas naquele momento nem me preocupava com essa realidade, porque estava muito ansioso por viajar (eu nem imaginava o que ia acontecer).

Então esse dia chegou. No dia anterior à nossa partida, ela ligou-me. Dando voltas ao discurso, disse-me: “Não sinto mais nada por ti”.. Foi o suficiente para descobrir a decepção que florescia na minha alma. “Por que razão não me disseste isso antes? Por que motivo deixaste que tudo chegasse a este ponto?” – mas nunca é tarde demais.

Sofri e, ao mesmo tempo, nem me queria lembrar dela. O meu grande esforço para formar uma família tinha ido por água abaixo, sentia-me enganado pela vida. Queimeei os bilhetes de ida e deitei o anel ao mar. Ela nem sequer imaginava os meus planos de casamento e o pedido em Paris, tudo tinha terminado entre nós.

Mas, na verdade, porque é que haverei de mentir? Eu ainda sinto falta dela... sinto muitas saudades de Ireneia.

TEODORA RÎCU

BON APPETIT

Pizza, fast food, doces, sumo, cerveja. Todas estas tentações são saborosas, certo? Um minuto nos lábios, uma vida nas ancas. Infelizmente, é tão fácil engordar, mas tão difícil lutar contra os quilos a mais. Imagina isto: acordas às sete da manhã, tomas um banho, escolhes a roupa, entras no Facebook, Instagram, Snapchat, caminhas até ao metro e quando chegas à faculdade e a primeira aula está prestes a começar, já estás com fome e compras hidratos de carbono – pão, uma fatia de pizza, enfim, algumas calorias.

Quem tem tempo para tomar o pequeno-almoço antes de sair de casa e para almoçar em condições? Quem tem a força de vontade necessária para não comer o frigorífico inteiro quando chega a casa e já passa das dezoito horas? Todos estes hábitos têm o mesmo resultado: as calças favoritas tornam-se num sonho.

Há quase três anos que tento comer de forma saudável, dormir pelo menos 6 horas, fazer desporto ou outras atividades para ter pernas de modelo. Até agora, só consegui ganhar outros três quilos e perder-me no parque quatro vezes (a primeira vez, dei de caras com um stand onde se vendiam rosquinhas fritas e comi mais calorias do que aquelas que tinha perdido a correr).

Meus Deus, porque é que fazer jogging é muito mais difícil do que comer hambúrgueres? Talvez se nos encontrarmos acompanhados nesta jornada, não seja tão difícil perseguir esta ambição. Por isso, pedi a uma amiga minha que viesse comigo ao parque. Agora, ela sabe também onde comprar rosquinhas fritas e, infelizmente, conseguiu engordar. Conheces a seguinte situação? Quando queres do fundo do coração comer só uma salada, mas a caminho de casa, dás de caras com um anúncio gigante a anunciar a nova promoção do McDonald's? Não caias nessa!

Mas chega de comida. Vamos analisar um pouco o desejo das pessoas de emagrecerem, mesmo os magrinhos. Talvez seja a pressão social, porque os cantores, os atores, os artistas em geral e todas as figuras que aparecem na televisão estão em boa forma. Ou os olhares críticos dos outros. De qualquer forma, não me encaixo em nenhum dos casos. As minhas razões são intrínsecas (e não são suficientemente fortes ou já conseguiria vestir as minhas calças favoritas).

É possível que a tua opinião seja diferente da minha, mas acho que todas essas campanhas que nos dizem que o peso não é importante e que o que realmente conta é sentirmo-nos bem connosco, todas estas histórias para a hora de dormir são nocivas. Também não sugiro que todas as pessoas devam ter dimensões de modelo ou músculos, o ideal é manter a saúde. Podes ter excesso de peso e estares saudável, mas não por muito

tempo. A saúde é muito mais importante do que o desejo de mostrar aos outros que uns quilos a mais não te impedem de seres feliz.

Vou contar-te um segredo. Essas calças de que tanto gosto não são o meu objetivo final. Quero, sim, evitar o que os genes têm preparado para mim, porque não me quero parecer com a minha avó e com a minha mãe. Quais são as minhas possibilidades? Por agora, inexistentes, porque penso ir fazer jogging no parque e quero recompensar-me depois com um gelado.

THEODORA IONAȘCU

DECLARAÇÃO DE AMOR

Como qualquer ser humano, de vez em quando sinto a necessidade de ser apreciada e depois de uma relação de quatro anos, em que aterrorizei o meu namorado com a pergunta “de certeza que ainda me amas?”, aqui estou eu, num local de lavagem automática de carros, a tomar um café com o réu (o rapaz que me faz querer beijá-lo e bater-lhe ao mesmo tempo), enquanto esperamos que o carro fique pronto para podermos seguir o nosso caminho para casa. Enquanto aguardamos, lanço-lhe um olhar frio para que perceba que algo desagradável acontecerá se ele não guardar o telemóvel nos minutos seguintes,

(O que é que eu fiz agora para esta louca me estar a olhar assim?)

e como não consigo calar a boca por muito tempo, começo a lembrar-lhe que no passado ele era mais gentil e mais cuidadoso comigo. Lembrei-me também com emoção dos nossos lindos momentos juntos e, ao mesmo tempo, senti-me extremamente desapontada com o facto de algo ter mudado entre nós. Ele não dizia nada, estava sentado na cadeira com o rosto neutro a assistir ao meu drama, no qual, claro, não queria participar.

(Não consigo acreditar que tenho que lhe explicar de novo o quanto a amo e a importância que tem para mim!)

E naquela atmosfera desagradável, que me provocou uma profunda tristeza, ele pegou na minha mão e beijou-a, dizendo-me que eu era doida. Os olhos dele pareciam perguntar-me “achas realmente que depois de tanto tempo, deixei de te amar?”. É claro que a minha resposta seria afirmativa. Não consigo entender: um rapaz inicia uma relação e depressa se esquece de transmitir à namorada como ela é bonita e de ter gestos românticos.

(Ah, estas mulheres! Porque é que tudo tem que ser tão complicado com elas?)

Ao ver como eu estava chateada, ele deixou todo o tédio de lado, olhou-me com toda a atenção e disse-me que não se esqueceu do nosso aniversário, que embora ele tivesse muito trabalho, pensava sempre em mim, que as mensagens “O que estás a fazer? Estás bem? Já almoçaste?” são também gestos de afeto e que se estivesse cansado da nossa relação, teria desistido há muito tempo de responder à minha pergunta “de certeza que ainda me amas?” e, de facto, a resposta dele foi sempre “Sim, com certeza! Eu amo-te com todo o meu coração, hoje e amanhã e sempre!

E assim entendi que as emoções fortes do amor vão serenando com o tempo, se vão transformando em noites calmas em que nós contamos como correu o dia. Entendi que as emoções fortes se vão transformando em passeios pelo parque, que o número de

ramos de flores vai diminuindo, mas que há abraços e palavras como “não interessa o que vai acontecer amanhã, pois eu estarei aqui”.

(E, claro, o presente estava à minha espera em casa, mas como não tinha como saber, adicionei mais um drama à minha longa lista de reclamações.)

O amor é assim, às vezes, é uma tempestade num copo de água, mas valeu a pena o meu drama, porque, depois disto, deixei de fazer a eterna pergunta (mas não posso afirmar que me vá esquecer dela para sempre...).

NOTA DA ORGANIZADORA

AS CRÓNICAS QUE SE ENCONTRAM COMPILADAS NESTA PUBLICAÇÃO FORAM ESCRITAS POR ESTUDANTES DE 3.º ANO DURANTE A FREQUÊNCIA DA DISCIPLINA ‘CRÓNICA LITERÁRIA: COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITAS’, LECIONADA PELA LEITORA CAMÕES BUCARESTE, PROF.^a DOUTORA SÓNIA DIAS MENDES, NO ANO LETIVO 2017/2018, NO ÂMBITO DA LICENCIATURA EM ESTUDOS PORTUGUESES NA FACULDADE DE LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS DA UNIVERSIDADE DE BUCARESTE (ROMÉLIA).

OS TEXTOS CONSTANTES NESTA COLETÂNEA INTITULADOS *E PRONTO* E *SAUDADES DE IRENEIA* FORAM ESCRITOS A PARTIR DE TÍTULOS DE CRÓNICAS DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES:

“E PRONTO” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2005). *TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“SAUDADES DE IRENEIA” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (1998). *LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

SÓNIA DIAS MENDES
Professora Universitária



ORGANIZAÇÃO
SÓNIA DIAS MENDES

PREFÁCIO
ADRIANA CIAMA

AUTORIA
ALEXANDRA VELOIU
ANCA PETRACHE
ANDREEA MITREA
BIANCA DOROFTE
CRISTIAN ION
ELISABETA NICOLAE
FLORENTINA NICULCEA
GIANINA CIOBOTARU
HANADI AL-DINEH
IOANA ULIANOV
LĂCRĂMIOARA GROZĂVESCU
MĂDĂLINA BOBOC
MĂLINA BELDEAN
MARIA MATEIESCU
MIRUNA ACHIM
MIRUNA CHIRICĂ
RALUCA CIOCÎRLAN
TEODORA BUDURU
TEODORA MICU
TEODORA RÎCU
THEODORA IONAȘCU

com o apoio

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS